



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**FRANCINETE PEREIRA CARNEIRO**

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “DORA” EM *CAPITÃES DA AREIA*:  
coragem e resistência**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2014**

**FRANCINETE PEREIRA CARNEIRO**

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “DORA” EM *CAPITÃES DA AREIA*:  
coragem e resistência**

Artigo apresentado ao Departamento de letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Me. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Catolé do Rocha – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C289c Carneiro, Francinete Pereira.

A construção da personagem [manuscrito] : coragem e resistência / Francinete Pereira Carneiro. - 2014.  
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Secretária de Educação à Distância".

1. Capitães da areia. 2. Dora. 3. Coragem. 4. Resistência. I.  
Título.

21. ed. CDD 362.7

**FRANCINETE PEREIRA CARNEIRO**

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “DORA” EM *CAPITÃES DA AREIA*:  
coragem e resistência**

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Fernandes de Andrade Praxedes*

---

**Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV**

*Doralice de Freitas Fernandes*

---

**Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes  
Examinado - UEPB/CAMPUS IV**

*Marta Lúcia Nunes*

---

**Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes  
Examinador – UEPB/CAMPUS IV**

Aprovado em 25 /11/ 2014

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, a quem atribuo toda força à execução deste trabalho.

Aos mestres do curso de Licenciatura Plena em Letras do CAMPUS IV da UEPB, pelas experiências e conhecimentos compartilhados durante as aulas.

À professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela dedicação e contribuição durante a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais: Luiz e Maria, meus irmãos: Francisco, Francilene e Fabiana, meu filho: Gabriel que são os melhores presentes de Deus em minha vida.

A todos os meus familiares, amigos e colegas que me deram força e torceram pelo meu sucesso, contribuindo de forma grandiosa.

A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras.

Aristóteles

# A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “DORA” EM CAPITÃES DA AREIA:

## Coragem e resistência

Francinete Pereira Carneiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir aspectos da construção da personagem ‘Dora’ na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, enfatizando a coragem e a resistência demonstradas pela personagem através de suas atitudes, desde a morte de seus pais, o ingresso no grupo dos meninos de rua até sua morte. O sentimento de coragem e resistência da personagem se configura através de suas escolhas diante das dificuldades da vida, da morte, do preconceito e do contexto opressor no qual estava inserida. A pesquisa bibliográfica está ancorada nos estudos de alguns teóricos como Paul Tillich(1976), Rollo May(1982), Antonio Candido(2005), Alfredo Bosi(2006), entre outros. Espera-se que estas reflexões sirvam de motivação para que outros pesquisadores possam ampliar essas discussões e/ou trazer aspectos novos sobre a obra em estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitães da areia. Dora. Coragem. Resistência.

### INTRODUÇÃO

*Capitães da Areia* de Jorge Amado publicado em 1937, primeiro romance brasileiro a abordar a situação do menor abandonado, apresenta com bastante sentimentalismo e realismo as injustiças sofridas pelos protagonistas na cidade de Salvador, capital da Bahia. Neste ambiente conturbado surge Dora, como um raio de sol, para iluminar aquelas vidas tão carentes, principalmente de carinho maternal. Dora é a única personagem feminina a fazer parte do grupo de meninos de rua, muito jovem e delicada, sua presença na narrativa é bastante marcante.

---

<sup>1</sup>Aluna de graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
E-mail: francinetepereir@gmail.com

Dora vive as atribuições de menina órfã, enfrentando perigos constantes, por não ter ninguém que a acolhesse e nenhum recurso financeiro. Contudo, a menina é forte e corajosa e encontra na dificuldade a força para enfrentar as desventuras e perigos.

Assim, este trabalho tem como objetivo discutir aspectos da personagem “Dora” em *Capitães da Areia* atentando para o modo como a menina enfrenta todas as adversidades que a vida lhe impunha depois que fica órfã, considerando a sua pouca idade e o contexto inescrupuloso e preconceituoso no qual estava inserida.

Nesse sentido, podemos atribuir à personagem Dora, a coragem como uma de suas principais qualidades, dentre outras, percebidas durante sua trajetória de vida enquanto órfã e integrante do bando de meninos abandonados. Mesmo diante de uma sociedade opressora, a menina jamais perdeu sua capacidade de sonhar e de agir ousadamente, como a maioria dos protagonistas que lutam para defender seus ideais.

O trabalho está dividido da seguinte forma: no primeiro momento apresentamos o contexto histórico e aspectos da produção literária de Jorge Amado, além de expormos um breve resumo do romance e suas particularidades. O segundo momento é destinado a reflexões sobre algumas concepções acerca da coragem. No terceiro discutimos as relações entre as atitudes de coragem tomadas por Dora ao encarar a morte dos pais e o preconceito da sociedade.

## **1. Aspectos da literatura de 1930**

A partir da década de 20 quando se iniciou a urbanização e modernização do Brasil, o país passou por intensas crises de greves sindicalistas e insatisfação popular. A repressão não foi atribuída somente àqueles que participaram das revoltas, mas a todos que se rebelavam contra as restrições de direitos reclamando uma maior participação nas decisões do governo. Dessa forma, tanto aqueles que eram líderes de operários quanto os que de alguma forma contribuíam com o movimento, sofriam intensa repressão; bem como vagabundos, prostitutas, mendigos, capoeiristas, ou seja, todos aqueles que não respeitavam os limites da sua condição de classe, étnica ou de gênero, e que tentassem desfazer de alguma forma certos valores atribuídos aquela “boa sociedade”.

Nos anos 1920, a perseguição se estendeu também aos estrangeiros, anarquistas e comunistas, em consequência a ilegalidade aumentou, todos os novos sujeitos políticos passaram a ser tratados como criminosos e delinquentes postos à margem da sociedade e dos valores por ela impostos.

É nesse contexto que a literatura moderna incorpora em seus ensaios de cunho Histórico-sociológico realidades que evidenciam uma nova interpretação do Brasil. Sobre esse aspecto Candido (2006, p.142 – 143) ressalta a influência do modernismo no período de 1930:

A destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular, a irreverência como atitude: eis algumas contribuições do Modernismo que permitiriam a expressão simultânea da literatura interessada, do ensaio histórico-social, da poesia libertada.

O período posterior a 1920 é um dos mais conturbados da história do Brasil. Os romances escritos na referida década divulgam uma literatura de ficções realistas, com obras voltadas para personagens que ainda não haviam sido retratados pelos escritores, como: o migrante, o nordestino, os trabalhadores, a questão da seca, as contestações entre os ricos e os pobres e a miséria urbano industrial, “portanto a literatura nada mais é que a investigação do homem e suas relações com o mundo” (BORGES FILHO, 2007, p 13).

Os escritores através da imitação da realidade traziam à tona as barbaridades sofridas pela população marginalizada. Os principais autores dessa época foram Jorge Amado, Graciliano Ramos, Armando Fontes, José Lins do Rego, dentre outros, conhecidos como regionalistas por retratarem situações vividas nas mais variadas regiões do Brasil. Esses escritores abordaram principalmente a luta de classes e denúncias sociais; características fundamentais da literatura de 30, conforme destaca Lucas (1970, p. 28) “como reflexo da vida social, dividem-se entre exprimir a luta de classes e a fixação da nacionalidade”. Em uma época onde a política efervescia, e os escritores empregaram a escrita ficcional como forma de denunciar desigualdades e injustiças.

As temáticas de reflexão social estão ligadas diretamente aos chamados escritores de esquerda ou revolucionários, como Jorge Amado que mesmo

sendopreso por diversas vezes e tendo suas obras apreendidas e queimadas, se declarou como sendo um revolucionário que procurava mostrar questões ligadas ao povo e a sua terra natal, como é o caso da temática dos meninos abandonados da cidade de Salvador, tratada no romance *Capitães da Areia* (CA)<sup>2</sup>.

De acordo com Bueno (2006, p. 24), Jorge Amado. “[...] Sendo um revolucionário, como se auto definia, sentia-se um representante legítimo do povo e, sem problema nenhum fala em seu nome”. Dessa forma, observamos a preocupação das questões sociais retratadas em CA, ressaltando a classe menos favorecida. Nesse sentido, CA pode ser considerado um romance de consciência social e revolucionária, em que temos de um lado a burguesia que se manifesta de forma insensível com relação à pobreza existente na cidade e do outro, meninos que por falta de opção são conduzidos ao crime e a marginalidade, evidenciando as disputas sociais. CA pode ser considerado como cíclico por apresentar um problema social que perdura até os dias atuais, é o último romance do escritor, publicado na década de 30, onde encontramos uma escrita de significativa inspiração soviética, o qual segundo Dutra (1995, p 35) se compõe

(...) de certas posturas ficcionais do modernismo com empenho realista em voltar-se para a existência das multidões oprimidas no trabalho. Dupla marca de um texto preocupado em fazer do povo o principal personagem, para tentar ganhá-lo como leitor. O problema é que não tínhamos no Brasil dos anos 30 a presença de um “proletariado revolucionário”. Tínhamos um proletariado em formação, no sentido restrito de grupamento dotado de uma consciência de classe.

Este romance retrata um mundo real onde as classes mais baixas na escala social começam a ser vistas como pessoas legítimas e dignas de direitos iguais e de cidadania. O estilo narrativo utilizado por muitos autores aproximava-se muito dos manifestos políticos. No entanto, segundo Bueno (2006, p. 162), para que o romance seja considerado proletário além se destacar às massas, ele deverá apresentar um “ar de revolta”, em que as massas nele contidas estejam inclinadas a fazer a revolução.

Desta forma, é possível afirmar que este sentimento de revolução estaria pontuado na obra CA principalmente através do personagem líder dos capitães da areia, Pedro Bala, que junto com alguns do grupo ajudaram a organizar diversas

---

<sup>2</sup> Ao longo deste trabalho iremos nos referir ao romance *Capitães da Areia* através da sigla CA

greves 'ilegais' naquela época. É por meio dessas investigações que Amado procura estabelecer relações com situações reais voltadas para as questões que envolviam ricos e pobres e as opressões das quais a sociedade marginalizada era vítima.

### 1.1 O romance moderno

Segundo Bosi (2006,p.392), considerando a relação entre o romance moderno e a sociedade, podemos dividi-lo em quatro tipos: *romances de tensão mínima*, onde o conflito aparece apenas em termos de oposição verbal, e as personagens são pouco condicionadas pelo cenário; *romances de tensão crítica*, na qual o herói resiste obstinadamente às pressões da natureza e do meio social, entretanto não obtém êxito; *romances de tensão interiorizada*, o conflito acontece de modo subjetivo como romances psicológicos e *romances de tensão transfigurada*, o herói tenta superar o conflito existencial por meio da transformação mítica ou metafísica quando enfim acontece o desfecho aproxima-se da poesia e da tragédia.

Alguns romances de Jorge Amado são classificados como romances de tensão mínima, entre eles *CA*, que tinha como principal característica retratar a realidade destacando a cultura e os costumes de sua região.

A obra *CA*, pioneira na temática que expõe a realidade dos menores órfãos, lançada em 1937, teve 808 exemplares queimados em praça pública na cidade de Salvador Bahia, por decreto do então presidente da república Getúlio Vargas, sob o argumento de que a obra seria simpatizante do credo comunista, entre outras obras do autor, preso neste mesmo período, acusado de participação na intenção comunista.

Sobre essa época Ribeiro (1997, p. 27) ressalta: “Jorge Amado foi, ao que eu saiba o romancista que teve mais livros seus apreendidos pela polícia, proibidos pelo Estado Novo. Também foi o intelectual mais persistentemente perseguido por sua militância comunista e por seu prestígio”. Pois além de ser um escritor engajado com as causas sociais, Jorge Amado participou ativamente da política, tornando-se deputado federal, com o objetivo de lutar pelos seus ideais de liberdade, pela igualdade religiosa e equidade entre os povos em geral.

Apesar da repressão dos militares os escritores não se acovardaram e continuaram escrevendo como é o caso de Jorge Amado, que escreveu *CA*, enquanto estava exilado. No final do Estado Novo, em 1944, foi lançada sua

segunda edição, desde então, se tornou um dos romances mais vendidos do autor. Traduzido para diversos idiomas, teve sua primeira versão fílmica nos Estados Unidos em 1972 com o título *The Sandpit Generals*, foi adaptado para TV Bandeirante em 1989 com uma minissérie em dez capítulos, em 2012 foi adaptado para o cinema pela cineasta Cecília Amado, neta do escritor. O romance do autor nos leva a refletir sobre os problemas sociais mais marcantes da sociedade que infelizmente persistem até os dias atuais.

A obra apresenta a história de cerca de cem crianças e adolescentes de rua que se refugiavam em um armazém abandonado no cais do porto da cidade de Salvador, Bahia. Os Capitães da Areia, “vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 2009, p.29). Viviam de pedir esmolas nas feiras e mercados e praticar pequenos furtos na cidade. No entanto, se fossem pegos praticando um roubo eram enviados para o reformatório, onde sofriam agressões sub-humanas “(...) não havia possibilidade de nele uma criança se tornar boa e trabalhadora.” (AMADO, 2009, p.74.)

O romance começa apresentando algumas reportagens divulgadas pelo *Jornal da Tarde* (recurso utilizado pelo escritor para chamar atenção para a realidade e expressar maior verossimilhança ao longo da narrativa) a primeira delas intitula-se “Crianças ladronas”, dessa forma o autor mostra como as crianças são vistas pelas autoridades policiais e pela maioria da população.

O romance está dividido em três partes: na primeira, “Sob a lua num velho Trapiche abandonado”, é apresentado o ambiente degradante onde vivem os meninos, além de serem descritas algumas histórias sobre determinados componentes do grupo. Na segunda “noite da grande paz da grande paz dos teus olhos” os pais de Dora morrem e ela e o seu irmão Zé Fuinha encontram abrigo no trapiche com os capitães da areia onde é tratada pela maioria como irmã e mãe, mas por Pedro Bala e professor ela é vista como uma noiva.

Na terceira parte “Canção da Bahia, canção da liberdade” são descritos os destinos de alguns dos meninos que já estão se tornando adultos e saem do trapiche em busca de um futuro independente, alguns têm sorte e conseguem sair da marginalidade, entretanto, a maioria como já era previsto permanece na marginalidade. Embora o autor evidencie de forma idealizada a sorte dos meninos,

tendo-os como heróis de um destino conveniente com os desejos e aspirações dos mesmos, os jovens continuam sendo discriminados pelos detentores do poder. O principal exemplo desse contrassenso é o personagem líder do grupo: Pedro Bala, enquanto as pessoas pobres o viam como 'herói' ele era perseguido pelas autoridades, encerrando o romance com seu nome sendo difamado nas páginas do "Jornal da Tarde".

## **2. Coragem para ser e vir a ser**

A coragem é uma característica imprescindível aos seres humanos, pois sem ela é impossível vencer os obstáculos que a vida oferece. Todos os dias somos desafiados a tomar decisões, algumas são simples; porém, algumas podem ser muito complexas e é o resultado destas ações que irão refletir em nosso futuro de forma positiva ou negativa. Assim atitudes de fé, coragem e ousadia devem permear constantemente o nosso ser, sendo requisito básico para obtermos felicidade, experiência e sabedoria

Paul Tillich em sua obra *A coragem de ser* (1976) reflete sobre a coragem do ser e do não ser, sendo o ser a vida e não ser tudo o que discorda do ser, defendendo que a coragem deve ser considerada ontologicamente com a finalidade de ser entendida eticamente. Para Rollo May (1982, p.10):

A criatividade é a sequência natural do ser e a coragem (...) é o alicerce que suporta e torna reais todas as outras virtudes e valores. Sem ela, o amor empalidece e se transforma em dependência. Sem a coragem, a fidelidade é mero conformismo. (...) A coragem é necessária para que o homem possa ser e vir a ser. Para que o eu seja é preciso afirmá-lo e comprometer-se. Essa é a diferença entre os seres humanos e o resto da natureza. (...) Os seres humanos conseguem valor e dignidade pelas múltiplas decisões que tomam diariamente. Essas decisões exigem coragem. Por isso, Paul Tillich diz que a coragem é ontológica — é essencial ao nosso ser.

Uma das principais definições para coragem é a capacidade de seguir em frente ignorando o temor e a angústia das circunstâncias; ela surge no interior de cada ser. Rollo May (1982) enumera três tipos básicos de coragem: a

**coragem física, coragem moral, coragem social.** A primeira era bastante utilizada pelos ancestrais onde a justiça era feita por meio da força bruta, aqueles que eram fortes fisicamente tornavam-se heróis. Este tipo de coragem atualmente pode ser considerado inútil. Sendo assim, precisamos de outra forma de coragem que não faça as pessoas se sobreporem as outras. Para Nietzsche *apud* Rollo May (1982, p. 11), “um aprendizado para pensar com o corpo. Seria a valorização do corpo como um meio de criar empatia com outras pessoas, a expressão do eu como um objeto de arte e uma fonte de prazer”. O pensamento norte Americano recebe influências da cultura oriental que propõe: a meditação, a yoga e algumas psicologias religiosas; buscando valorizar o corpo e obter a coragem física necessária para a sociedade futura.

A **coragem moral** é defendida por pessoas que detestam a violência e lutam contra injustiças, um dos principais nomes referentes a esta coragem, conforme Rollo May (1982, p. 11 - 12) é:

Aleksander Solzhenitsin, o escritor russo que enfrentou sozinho o poder da burocracia soviética, protestando contra o tratamento cruel e desumano dispensado aos prisioneiros dos campos de concentração da Rússia. Seus vários livros, escritos na melhor prosa russa moderna, lançam um protesto contra toda a forma de opressão do indivíduo, seja física, psicológica ou espiritual. Sua coragem moral é notável especialmente por não ser ele um liberal e sim um nacionalista russo.

A coragem moral nasceu da audácia e da compaixão pelos sofrimentos humanos, também chamada de coragem perceptiva, pois depende da capacidade que temos de perceber o sofrimento alheio e não omitir-se, mas agir em função do próximo, em prol do bem coletivo.

A **coragem social** difere da coragem moral pelo fato de aludir aos relacionamentos mais íntimos evidenciando a capacidade do ser humano entregar-se completamente a um relacionamento, demonstrando seus sonhos e seus medos; uma atitude que promove bastante coragem pelo fato de jamais sabermos, em princípio, como será essa relação. Uma forma de esquivar-se deste risco é a entrega física, a esse respeito Rollo May (1982, p. 13) declara: “Em nossa sociedade, é mais fácil desnudar o corpo do que a mente ou o espírito; mais fácil compartilhar o corpo do que as fantasias, desejos, aspirações e temores, pois estes são assuntos privados, cuja revelação nos tornamais vulneráveis.

No entanto, há um paradoxo concernente a essas divisões, conforme o autor supracitado, apesar do seu completo comprometimento com a verdade reconhece o fato de poder estar errado. Ponderando que a afirmação e a dúvida percorrem os mesmos caminhos. Como confirma Rollo May (1982, p.16)

O compromisso mais saudável não é o que está livre de dúvidas, mas o que existe apesar delas. Acreditar completamente, e duvidar ao mesmo tempo, não é contraditório: pressupõe maior respeito pela verdade e a certeza de que ela ultrapassa tudo o que pode ser dito ou feito num determinado momento. Toda tese tem a sua, antítese, e toda antítese uma síntese. A verdade, portanto, é o processo eterno.

A verdade absoluta não pertence, por conseguinte a nenhum ser humano por mais sábio que seja. Pois é justamente o reconhecimento de nossa vulnerabilidade que nos torna ousados, crendo em nossa capacidade de vencer como requisito para superar os nossos medos e conquistar nossas metas. A esse respeito Tillich (1976, p. 11) afirma:

A coragem ouve a razão e leva a cabo a intenção da mente. É a força da alma para conquistar a vitória em perigo extremo, como aqueles mártires do Antigo Testamento enumerados em Hebreus II. Coragem dá consolação, paciência e experiência, e torna-se indistinguível da fé e da esperança.

Dessa forma, mesmo que o não-ser seja parte inerente do nosso ser, o ser precisa sobrepor-se ao não-ser, quando isso ocorre obtém-se a coragem. Nietzsche (*apud* TILLICH, 1997) declara que a vida tem vários aspectos, é ambígua e a coragem é potência da vida em se afirmar a respeito desta ambiguidade, defendendo que os atos de coragem não devem existir somente diante de testemunhas, mas em atos de autoafirmação como podemos constatar nas ponderações seguintes; conforme Nietzsche *apud* Tillich (1976, p. 26)

Tendes vós coragem, ó meus irmãos?... Não a coragem ante testemunhas, mas a coragem do anacoreta e da águia, (...) Ele tem coração que conhece o medo mas o *vence*; que vê o abismo. Porém com *orgulho*. Aquele que vê o abismo mas com olhos de águia — aquele que com garras de águia *agarra* o abismo: aquele tem coragem.

Assim Nietzsche corrobora com a maioria dos autores sobre as atitudes de coragem diante dos infortúnios vividos. Enfrentar os desafios com coragem é a única forma que Dora encontra para amenizar a exclusão, a discriminação e o preconceito de ser menina órfã em uma sociedade machista e preconceituosa.

### **3. A trajetória de Dora menina, Dora mulher**

Sobre a personagem do romance *Candido* (2005, p. 67) afirma que quando o escritor se baseia em uma personalidade real para criar uma personagem fictícia ele sempre acrescenta outras características que não correspondem com a pessoa que a inspirou, distanciando assim uma da outra como forma de tornar a personagem de ficção autônoma em não apenas uma biografia. Diante disso, a personagem semelha o que existe de mais vivo no romance, como esclarece *Candido* (2005, p. 55):

(...) o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício manifestada através da personagem que é a concretização deste.

Jorge Amado declara-se como um baiano que escreve apenas o que vê, tornando a paisagem e os costumes do povo da Bahia conhecidos em vários países. A maioria das suas personagens femininas possuem personalidades fortes, capazes de decidirem seus próprios destinos. Não sabemos em quem o autor se inspirou para criar Dora, porém sabemos que existem muitas mulheres guerreiras, que desempenham vários papéis, como é caso de Dora; no entanto há uma particularidade em Dora “era apenas uma menina”.

Dora era menina dos seus 13 para 14 anos, era bonita, tinha “olhos grandes, cabelo muito loiro”, e os “seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulherzinha” (AMADO, 2009, p. 167-168).

Devido ao surto da bexiga na cidade de Salvador, Dora fica órfã e sai com seu irmão Zé Fuinha a procura de algum trabalho. Esta atitude de Dora após a morte dos pais demonstra uma grande coragem, pois mesmo passando por um momento extremamente difícil, ela saiu do morro onde morava a procura de trabalho, visto que não queria ser uma carga para os vizinhos. Além disso, Dora

assume a responsabilidade de cuidar do irmão, uma criança de apenas seis anos de idade. Em função das dificuldades, a Dora menina enfrentou a tristeza, a solidão, o cansaço e a fome em busca de abrigo e alimento “Dora tinha vontade de chorar, de se deixar cair na rua, sob o sol, e não fazer movimentos. Uma saudade dos pais mortos a invadiu. Mas reagiu contra tudo e continuou.” (AMADO 2009, P. 169).

Após ser discriminada por ser “filha de bexiguento” Dora “sentiu que a cidade era sua inimiga, que apenas queimara seus pés e a cansara. Aquelas casas bonitas não a quiseram”. (AMADO, 2009, p. 172). Neste momento Dora sentiu-se frustrada, sentiu vontade de voltar atrás, no entanto esse sentimento não faz dela uma pessoa covarde, visto que “a coragem não é a ausência do desespero, mas a capacidade deseguir em frente, apesar do desespero.”, afirma Rollo May (1975, P. 9), amparando-se em filósofos como Nietzsche e Camus.

Ademais, sua jornada estava apenas começando; durante sua busca frustrada pelo ganha-pão, ocasionalmente encontra Professor e João Grande, meninos do bando de Pedro Bala, e sua inserção no grupo dos capitães da areia acontece por intermédio deles.

Sua chegada ao grupo, porém, é tensa, pois desperta nos meninos o desejo sexual. E brigam entre eles para a possuírem, mas professor e João Grande a defendem anunciando que Dora era apenas uma menina órfã como eles precisando de um lugar para dormir.

Pedro Bala, o líder do grupo, chega e diz que ela não pode ficar. Passam-se os dias, e a menina começa a fazer parte da vida dos meninos, representando para os menores uma mãezinha cantando para embalar-vos o sono; já os maiores tratava-os como “manos”. O narrador destaca que certa noite quando todos estavam reunidos para ouvir as histórias que o Professor contava os meninos “olhavam o rosto sério de Dora, rosto de quase uma mulherzinha que os fitava com carinho de mãe (...) a olharam com amor. Como crianças olham a mãe muito amada” (2009 p. 181-182).

No momento em que decide vestir-se como um Capitão da Areia, a garota realiza um ritual de passagem que marca definitivamente sua inclusão no grupo e “a saída de sua condição de menina-mulher para a de menino-adulto” (ALMEIDA, 2012 p. 7). Podemos constatar essa condição nos seguintes trechos da narrativa de Amado (2009, p. 189 – 190):

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, a pingar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. (...) Dizia o professor:  
– Era valente como um homem...

Dora aprendeu a lutar capoeira, manusear a navalha e roubar, mesmo assim não perdeu sua feminilidade e beleza, despertando a admiração e o amor de Pedro Bala. A menina-mulher começa a participar dos assaltos e dos roubos praticados pelo grupo; embora, em princípio, tenha enfrentado os protestos do líder, jamais aceitou a inércia ou a dependência, e ao invés de reclamar das condições daquela vida, ela buscou adaptar-se ajudando sua nova família. Conforme Dela Bruna (1976, p.186): “Dora é a mulher guerreira mirim. O escritor nos mostra como a mulher se faz valente, desde nova, na luta pela vida.” Capaz de enfrentar as mais difíceis situações, tornando-se por meio delas ainda mais resistente e determinada.

Durante uma tentativa de furto em uma casa elegante num bairro nobre da capital, Dora e Pedro Bala são capturados pela polícia, Dora vai para o orfanato, onde deve aprender boas maneiras. Pedro Bala vai para o reformatório, um mês depois, consegue fugir com a ajuda de seus amigos e juntos resgatam Dora que já estava doente; “um mês de orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora. Nascera no morro, infância em correrias no morro, depois a liberdade das ruas, a vida aventureira dos Capitães da areia.” (AMADO, 2009, p. 217).

### **3.1 Coragem e resistência diante da morte**

Durante a curta trajetória de Dora na narrativa, ela enfrenta a morte três vezes. Primeiro ocorreu a morte do pai da menina, depois a morte da mãe e, por último, a personagem se depara com a própria morte. Compreendendo que a morte é algo irreversível na vida dos seres humanos, Dora encara tudo sem reclamar, pois podia morrer tranquila naquele momento visto que seu irmão, Zé Fuinha, agora tinha muitos irmãos para cuidarem dele, e seu amado já havia sido embalado por seu amor. Sobre a morte Rollo May (1982, p. 19-20) declara:

No breve momento de nossa passagem pela terra podemos amar pessoas e coisas, apesar do fato de que o tempo e a morte nos levarão a todos no final. É perfeitamente compreensível que procuremos estender a brevidade desse momento, adiar a morte por

um ou dois anos. Mas será sempre uma luta inglória e uma causa perdida.

À noite, no trapiche, a mãe-de-santo Don'aninha Ihe faz uma reza de cura. Dora mulher entrega-se a Pedro Bala num ato de despedida como se pressentisse a própria morte, sendo encontrada sem vida no dia seguinte. Nesta ocasião Amado (2009, p. 221 – 222) escreve,

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura:  
– É bom... Sou tua mulher.  
Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor.  
– Agora vou dormir – diz.  
Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa. A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas no coração dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia.

Os capitães da areia afirmavam que quando um homem valente morria virava uma estrela no céu, Dora não era um homem era apenas uma menina, mas era muito valente, tão valente quanto às corajosas e destemidas Rosa Palmeirão e Maria Cabaçu (personagens de Jorge Amado), por isso, ela também se torna uma estrela iluminando a noite e aquecendo o coração do seu amado. Sua morte foi “um acontecimento sem explicação (...) totalmente inesperado”, seus filhos ainda procuravam no trapiche, Só Pedro procurava “no céu com tanta estrela, uma que tivesse uma longa e loira cabeleira”. (AMADO, 2009, p. 229). De acordo com o narrador de CA (2009, p. 224)

Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma noite de paz da Bahia.

Dora conviveu apenas quatro meses na rua com os meninos, mas sua passagem foi muito marcante para cada um deles sendo considerada como mãe, irmã, noiva e esposa, iluminou a vida solitária dos meninos com sua presença. Para Pedro Bala, Dora significou o amor verdadeiro, a noiva e a esposa. Ela contribuiu

para o crescimento intelectual e amadurecimento pessoal do líder. A relação entre ambos serviu para que ele compreendesse o afeto que existe na entrega sincera e cúmplice ao outro, afastado dos atos sexuais coléricos aos que era acostumado. “É a partir dessa descoberta, que Pedro Bala começa a entender que, muito além da violência, há outras formas de demonstrar suas insatisfações com a sociedade, ou de ajudar os seus amigos e companheiros”, afirma Luiz de Melo Diniz (2009, p. 10).

Dessa forma, Dora contribuiu para o desfecho do romance, após a sua morte Pedro Bala abandona o grupo, mas não a condição de líder, agora voltado para a vida operária, continua a obra inacabada do pai tornando-se um líder grevista lutando pela liberdade de direitos dos trabalhadores. João Grande torna-se marinheiro, professor consegue com ajuda de um homem desconhecido que o viu pintar uma vez na rua, viajar para o Rio de Janeiro e divulgar seus quadros por todo país. Portanto Dora acaba sendo, o elemento que instaura a desordem e, ao mesmo tempo, organiza e dá sentido e ritmo na vida dos seus companheiros do grupo.

### **3.2 Coragem e resistência ao preconceito**

No momento em que Dora perde seus pais ela enfrenta um dos maiores desafios de sua vida, mesmo assim segue em frente apesar das circunstâncias, encarando a cidade desconhecida a procura de trabalho; como demonstra Amado (2009, p. 168)

E enquanto os vizinhos discutiam o problema dos órfãos. Dora tomou seu irmão pela mão e desceu para a cidade. Não se despediu de ninguém, era como uma fuga.(...) Dora marchava tranquila. Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta do seu irmão. Ela arranjaria um emprego de copeira numa casa.

Os acontecimentos ocorridos durante sua trajetória de vida, demonstram que o medo e a angústia não a fizeram parar em momento algum.

Ao chegar ao trapiche, Dora enfrenta o preconceito dos meninos que se encontravam nas mesmas condições sociais e financeiras que ela, esse tratamento se deve ao fato de uma menina (mulher) está naquele ambiente. Em função disso, Dora, inicialmente, sofreu preconceito e foi discriminada pelo bando de garotos que

não queriam admitir a inserção de uma menina ao grupo. Contudo, a menina não desiste facilmente, enfrenta a rejeição pelo fato de ser menina e adota a coragem e o enfrentamento para superar a sua condição de não ser menino. Conforme Tillich(1976, p. 52),é neste momento de ansiedade diante de uma realidade totalmente desconhecida que acontece o embate entre o ser e o não-ser, pois “a ansiedade nos inclina para a coragem, porque a outra alternativa é o desespero. A coragem resiste ao desespero tomando a ansiedade dentro de si.”Nesse sentido, a coragem obtém-se quando conhecemos e vencemos nossos medos. Após o susto inicial, Dora ganha o respeito e o carinho dos meninos que se tornaram parte integrante de sua família, recebendo proteção por parte deles, passando a haver entre ambos uma confiança mútua.

Quando começou a se identificar com o grupo, Dora passou a enfrentar,de maneira ainda mais intensa,os mesmos preconceitos sociais vividos por eles, sendo considerada como uma “putinha” (AMADO, 2009, p.191) por outro menino de rua, pertencente a um grupo adversário ao grupo de Pedro Bala. A Dora menina foi descrita em uma reportagem do Jornal da Tarde como “a nova gigolete dos moleques baianos.” (AMADO, 2009, p. 196). Percebemos, através da linguagem utilizada pelo autor, o quanto se fazia pré-julgamentos grosseiros e injustos alusivos à Dora, o principal motivo dessas críticas fazem referência à classe social da qual Dora e os capitães da areiafaziam parte, visto que eram considerados inferiores em relação aos que possuíam uma condição social abastada.

Esses conflitos sociais ultrapassavam os xingamentos verbais, passando para a violência física, moral ou mesmo psicológica. Resultado de uma classe social opressora que abusa do poder e da autoridade que lhe foram constituídas, excluem sem piedade todos os pobres e marginalizados. Conforme destacaZaluar(1999, p. 42):

*A violência como o não reconhecimento do outro, a anulação ou a cisão do outro; a violência como a negação da dignidade humana; a violência como a ausência de compaixão; a violência como a palavra emparedada ou o excesso de poder. Em todas elas ressalta-se, explicitamente ou não, o pouco espaço existente para o aparecimento do sujeito da argumentação, da negociação ou da demanda, enclausurado que fica na exibição da força física pelo seu oponente ou esmagado pela arbitrariedade dos poderosos que se negam ao diálogo.*

Percebemos este tipo de violência e opressão quando, após os capitães da areia serem pegos pela polícia durante uma tentativa de assalto, Dora é levada para um orfanato e Pedro Bala para o reformatório, onde são castigados e obrigados a seguirem regras, proibidos de manterem qualquer tipo de relação ou contato com os seus amigos, tornando a vida deles ainda pior que a que viviam nas ruas. Esses confrontos de classes podem resultar, por parte dos oprimidos, em um sentimento de instabilidade e indignação. Conforme Tillich (1976, p. 50):

(...) conflitos entre impulsos inconscientes e normas repressivas, impulsos tentando dominar o núcleo da personalidade, entre mundos imaginários e a experiência do mundo real, entre tendências para a grandeza e a perfeição e a experiência de nossa pequenez e imperfeição, entre o desejo de ser aceito por outra gente e sociedade, ou o universo, e a experiência de ser rejeitado, entre a vontade de ser e a aparente e intolerável carga de ser que evoca o desejo manifesto, ou oculto, de não-ser.

Amado através de espaços opostos caracteriza as personagens e revela seus modos de vida. Como nas seguintes sentenças: “No corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça” (AMADO, 2009, p. 12), em contraposição a esse ambiente o autor retrata o local onde os meninos se refugiam. “Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos (...). Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. (...) até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado”. (AMADO, 2009, p. 28)

### **Considerações finais**

Conforme Candido (2005), a personagem é o que existe de mais vivo no romance, apresenta características de pessoas reais o que infere maior verossimilhança à obra. O romance da década de 30 é inspirado principalmente nos problemas sociais e na luta de classes, evidenciados pelos escritores através das paisagens e das formas como viviam os pobres e marginalizados que não tinham acesso a direitos e privilégios.

Diante disso, chamou-nos atenção alguns aspectos da construção da personagem Dora e sua coragem diante das adversidades da vida, e percebemos o quanto Jorge Amado se preocupou em expor personagens femininas inspiradas em personalidades reais, que lutam além das suas próprias forças a fim de sobreviverem às desventuras da vida e os embates sociais. O autor nos mostra uma personagem bastante corajosa que em momento algum hesitou ou reclamou de sua condição, sendo exemplo de coragem e resistência para os demais.

Compreendemos através deste estudo que a coragem é percebida por meio das ações, e que em momentos de ansiedade somos levados a agir com coragem ou desespero, quando decidimos atuar de forma ousada o nosso ser se sobrepõe ao não ser, tornando-nos fortes para conquistarmos novos desafios, é o que acontece com a personagem Dora que vive o dilema de ser ou não ser, ora menina, ora menino entre os garotos do trapiche. Esperamos, portanto, que estas reflexões possam servir de suporte para outras questões sociais postas na obra Capitães da areia de Jorge Amado, que sirva de âncora no sentido de despertar curiosidades e inquietações sobre o modo de ser e agir da personagem Dora perante as dificuldades, perdas, dores e recusas imputadas por uma sociedade excludente e classificatória.

### **ABSTRACT**

This paper aims to discuss aspects of building character ' Dora ' Capitães da areia in the work of Jorge Amado, emphasizing the courage and strength demonstrated by the character through their attitudes, since the death of his parents, joining the group of street children until his death. The sense of courage and strength of character is formed through your choices before life, difficulties, death, prejudice and oppressive context in which the child was placed. The literature is anchored by some theorists as Paul Tillich (1976), Rollo May (1982), Antonio Candido (2005), Alfredo Bosi (2006), among others. It is hoped that these discussions serve to motivate other researchers to extend these discussions and / or bring about new work being studied aspects.

**KEYWORDS:**Capitães da areia. Dora. Courage. Resistance.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **A obra literária como texto etnográfico: notas sobre Meninos de Rua e Feminilidade em Capitães da Areia de Jorge Amado.** Universidade da Amazônia, 2012.

AMADO, Jorge. **Capitães da areia.** 5ª Edição. São Paulo, Companhia das letras, 2009.

BORGES FILHO, Ozires. **Espaço e literatura: introdução à topo análise.** Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 43ª edição. São Paulo. Cultrix, 2006.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo; Campinas: EDUSP; Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_, **A personagem de ficção.** 11ª ed. São Paulo: Perspectiva 2005.

DELA BRUNA, Vítório. **O mundo dividido de Jorge Amado,** 1976. 232f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DINIZ, Luís de Melo. **Acriança oprimida na literatura: a presença feminina nos bandos infantis em Oliver Twist de Charles Dickens e Capitães da areia de Jorge Amado.** Paraíba: II Seminário Nacional sobre Gênero e Práticas Culturais, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia.** Natal: UFRN. Editora Universitária, 1995.

MAY, Rollo. **A coragem de criar.** Trad. Aulyde Rodrigues. Rio de Janeiro: NovaFronteira. 1982.

RIBEIRO, Darcy. Confluências. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: Jorge Amado. Nº 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Trad. Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1976.

ZALUAR, Alba. Violência e crime. In MICELI, Sérgio (Org). **O que ler na ciência socialbrasileira (1970 – 1995)**. São Paulo: Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.  
Vol. 1.